



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC**

**VALQUÍRIA FERNANDES DIAS**

**SABERES E FAZERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE KALUNGA  
PRATA: AS BENZEDEIRAS, SEUS BENZIMENTOS E SUAS  
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO.**

**Planaltina – DF  
2016**

**SABERES E FAZERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE KALUNGA  
PRATA: AS BENZEDEIRAS, SEUS BENZIMENTOS E SUAS  
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO.**

Monografia apresentada à Faculdade UnB de Planaltina – FUP/UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Severina Alves de Almeida - Sissi

**SABERES E FAZERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE KALUNGA  
PRATA: AS BENZEDEIRAS, SEUS BENZIMENTOS E SUAS  
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada à Faculdade UnB de Planaltina – FUP/UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Severina Alves de Almeida – Sissi – FUP/UnB**  
**Orientadora**

---

**Profa. Ma. Ana Cristina de Araujo – FUP/UnB**  
**(Examinadora Interna)**

---

**Profa. Ma. Catarina dos Santos Machado – FUP/UnB**  
**(Examinadora Interna)**

Planaltina - DF  
2016

Este trabalho eu dedico a meu amado filhinho Thiago M. Fernandes; A meu querido esposo Fernando M. X. Costa; A meus pais Abel F. Dias e Anestina V. Silva; A minha querida irmã Valdirene F. Dias; Às benzedoras que me ajudaram a realizar este trabalho; E a minha orientadora e professora Sissi; dedico a todos de modo muito especial, pois todos contribuíram muito para a minha caminhada nessa jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ser meu guia, por ter me dado força para superar e conseguir chegar onde estou, pois sem ele sei que não teria conseguido.

Agradeço a minha família que é minha base, principalmente minha mãe, marido e filho que é a minha força em tudo. E que me incentiva nos meus estudos.

Agradeço a minha sogra pelas orações e incentivos sempre.

A comunidade Prata que colaborou bastante na realização desta pesquisa.

As benzedoras que aceitaram participar desta pesquisa, me ensinando o que lhes foi passado, dedicando um pouco do seu tempo para repassar suas sabedorias.

A todo corpo docente da UnB Planaltina que puderam me ensinar seus conhecimentos, especialmente, a professora e orientadora Severina, que me deu a oportunidade de ter como orientadora e contribuinte com a ampliação dos meus conhecimentos o que acabou culminando este Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus colegas de faculdade que compartilharam de suas alegrias e suas tristezas comigo nesses anos de curso, especialmente a Maria Aparecida, Rosilda, Lereci, que sempre estiveram comigo, dividindo, compartilhando tudo enquanto estávamos na graduação.

Agradeço a todos os outros que não foram citados aqui, mas que fizeram ou fazem parte da minha vida!

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feita, sem fazer cultura, sem tratar sua presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo [...], sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível.

Paulo Freire (2001)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo registrar os saberes e fazeres das benzedadeiras e a importância de suas práticas de benzimento para a comunidade Kalunga Prata, município de Cavalcante de Goiás. Podendo assim incentivar a escola e a comunidade a respeitar e valorizar esses saberes como forma de fortalecimento da cultura quilombola. Este trabalho se utiliza da pesquisa qualitativa uma vez em que a pessoa pesquisada relata e o pesquisador observa e anota tudo de importante, a fim de produzir dados relativos à maneira como as pessoas representam seu mundo e vivem nele. As entrevistas foram realizadas a partir de perguntas abertas, e por via questionários, que foram gravados para melhor conhecer a história, a realidade e os saberes dos sujeitos que residem nessa comunidade desde seus antepassados. Para mais eficácia no trabalho foram tragos acervos de estudiosos do assunto, mas precisamente acerca da cultura quilombola, religiosidade e das rezas. E também acervos literários e publicações em artigos científicos que discutem sobre as benzedadeiras, bem como resultados voltados à história da comunidade Prata. Nesse sentido, acreditamos que esse trabalho é importante, porque ao registrar as práticas de curar enfermidades utilizadas pelas benzedadeiras, estamos contribuindo com a preservação da cultural tradicional da comunidade, além de se apresentar como registro para futuras pesquisas. A Educação do Campo vem se fazendo presente tentando articular a vivencia dos educandos e da comunidade no processo educativo. Ou seja, tentando forma-los para vida.

Palavras chave: Benzedadeiras. Benzimentos. Saberes tradicionais. Educação do Campo.

## **ABSTRACT**

This paper presents the results of a survey of the Kalunga people of Cavalcante Prata community of Goiás with their stories, a means of resistance, their knowledge and practices. These people long has resisted an arduous path. A path that was not seen anything passively, and is not already. They have been fighting constantly for the guarantee of their rights and the preservation of their culture. Prata is a community that has a lot to learn popular, traditional, and that we bring this work, which is the power to heal through benzimentos. These knowledge and practices maroon cure diseases in many different ways, promotes home birth, among others. Medicinal plants grown in terraces or even natives of the region, plays a key role, which is to assist in the effectiveness of these actions. Is knowledge that have been passed down from generation, through observation and through orality, and this custom has not ceased to exist in traditional communities. What is essential for the preservation of this culture as for conducting development of academic papers.

**Keywords:** Benzedeiros. Benzimentos. Traditional knowledge. Rural Education.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Casal Kalunga.....	28
Figura 2. Mapa Do Sítio Histórico E Patrimônio Cultural Kalunga.....	34
Figura 3. Escola Nossa Senhora Aparecida.....	39
Figura 4. Benzedeira Realizando Benzimento.....	40

**LISTA DE SIGLAS**

ADCT – Ato das Disposições constitucionais Transitórias

AKC – Associação Kalunga de Cavalcante

AQK – Associação Quilombo Kalunga

CEB – Câmara de Educação Básica

CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva

CNE – Conselho Nacional de Educação

DETRAN – Departamento Nacional de Trânsito

DF – Distrito Federal

EDOC – Educação do Campo

FUP – Faculdade UnB de Planaltina

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDB – Leis de Diretrizes e bases da Educação Nacional

LEDOC – Licenciatura Em Educação do Campo

MST – Movimentos dos Trabalhadores sem-terra

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

UNB – Universidade de Brasília

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO I – REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	15
1.1 Justificativa.....	15
1.2 Objetivos.....	15
1.2.1 Objetivo Geral.....	16
1.2.2 Objetivo Específico.....	16
1.3 Procedimentos Metodológicos.....	16
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: UMA SÍNTESE HISTÓRICA.....	17
2.1 Escola e Educação do Campo.....	17
2.2.1 Educação do Campo.....	19
2.2.2 Licenciatura em Educação do Campo da universidade de Brasília.....	21
2.3 Educação quilombola.....	22
2.3.1 Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.....	25
CAPÍTULO III – POVOS TRADICIONAIS: OS KALUNGA E A COMUNIDADE QUILOMBOLA.....	28
3.1 Comunidades tradicionais.....	29
3.2 Terra e Território.....	30
3.3 Os quilombos.....	31
3.4 Os quilombos em Goiás.....	33
3.5 Os Kalunga.....	34
3.6 Os Kalungas da comunidade Prata.....	35
3.6.1 A juventude Kalunga da comunidade Prata.....	38
3.6.2 Escola.....	38

CAPÍTULO IV – SABERES E FAZERES PARTILHADOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA PRATA: AS BENZEDEIRAS E SEUS BENZIMENTOS.....	40
4.1 A arte de benzer .....	42
4.1.1 O benzimento como Pratica Terapêutica.....	43
4.2 Rezas .....	44
4.2.1 Reza contra quebrante e mau olhado.....	45
4.3 Praticas das benzeadeiras na comunidade Kalunga Prata.....	48
4.3.1 As benzeadeiras e o seu dom.....	49
4.4 Saberes tradicionais: História de vida.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Educação do campo na área de habilitação em linguagem é uma pesquisa realizada com um povo tradicional, as benzedeadas e seus benzimentos, ou seja, seus saberes e fazeres culturais, sendo elas quilombolas contribuinte na promoção da saúde da comunidade prata. Essas benzedeadas carregam as tradições e os costumes, ou seja, a cultura de seus ancestrais. SARAIVA, (s/d) entende que a cultura não são somente as manifestações folclóricas (festas e tradições), ou mesmo como o senso comum costuma concebê-la e reduzindo-a a “cereja do bolo”. Partindo do pressuposto de que as culturas são as festas, as tradições, mas vão mais além dessa compreensão. A cultura aqui é entendida como dimensão significativa de todas as esferas da vida social, como expressão simbólica de diferentes experiências produzidas em um contexto cultural que tem o território como seu elemento fundamental.

O objetivo dessa pesquisa é identificar e analisar essas práticas do benzimento realizadas na comunidade Kalunga Prata, considerando o conhecimento, os saberes e a cultura que vem sendo passada dos antepassados para as futuras gerações. E também registrar as utilidades do benzimento na comunidade, resgatando os conhecimentos tradicionais que estão se perdendo e com isso comprometendo a identidade desse povo.

As benzedeadas vêm no dia a dia atendendo às pessoas que necessitam de seus cuidados através do benzimento. Crianças, jovens, homens, mulheres e idosos, todos procuram o serviço delas. Elas doam o seu tempo, e com isso tornam-se “doutoras da medicina popular”, deixando como legado o aprendizado da solidariedade. Essa prática é muito importante para a comunidade, uma vez em que a mesma não conta com atendimentos médicos. Então, são elas quem atendem às necessidades imediatas do povo, aplicando lhes a sua prática e salvando vidas.

Essa percepção se deu quando realizamos as entrevistas, percebendo uma preocupação entre as benzedeadas com a perda desses saberes, pois os mais velhos estão morrendo e os jovens não estão tendo o conhecimento dessas práticas, e mais, elas temem que daqui a alguns anos, não se ouçam nem falar que existiram pessoas com o dom de curar enfermidades na comunidade.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, que procura entender e interpretar fenômenos sociais em um contexto (BORTONI – RICARDO, 2006). Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, com observação participante, e se

desenvolveu a partir de um roteiro de entrevistas com 3 benzedeiros. As visitas foram constantes para presenciar o ato de benzimento e também para dialogar sobre os seus tipos, para quais enfermidades servem, quais as simbologias, uso das plantas, quais e para que sirva o seu uso.

O trabalho se divide em 04 capítulos: o primeiro capítulo trata de descrever a metodologia com seu procedimento para a coleta de dados. No segundo capítulo, é traçado um breve histórico sobre a Educação Quilombola, Educação do Campo e a Ledoc (Licenciatura em Educação do Campo) na Universidade de Brasília. No terceiro capítulo, aborda-se um período histórico dos quilombolas, que não foram pacíficos na luta por liberdade e território. No quarto capítulo, apresentamos as benzedeiros quilombolas com seus saberes, contribuindo com a comunidade, e se possível com a Educação do Campo.

O intuito foi contribuir com a comunidade na preservação da cultura, pois uma vez que se perde a cultura se perde a identidade. Esperamos que esse trabalho possa servir para uso de estudantes da LEdoC que, como pesquisadores, poderão ter acesso a outros trabalhos que seguem essa mesma linha, contribuindo, assim, para a manutenção do conhecimento acerca dos benzimentos como prática de cura de enfermidades, sendo essas práticas, uma cultura histórica e forma identitária do povo Quilombola.

Acreditamos que o povo do campo não seria camponês sem o campo, e os povos tradicionais não seriam tradicionais sem suas culturas. Se a cultura se perde, deixam de ser tradicionais, ou seja, deixam de existir tradicionalmente.

Finalmente, esperamos que esse trabalho possa contribuir com a história da comunidade Prata, e sirva para que os jovens daquela comunidade possam se conscientizar sobre seu papel de construtores de suas próprias histórias, ou seja, protagonistas do conhecimento popular, herdados dos nossos ancestrais, e que a escola possa a vir ser mediadora nessa construção.

## **CAPÍTULO I**

### **1.0 REFERENCIAL METODOLÓGICO**

A investigação realizada na comunidade Prata, no município de Cavalcante GO, se configura como uma pesquisa qualitativa. Segundo NEVES (1996), o pesquisador se utiliza deste tipo de pesquisa com a intenção de obter dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto estudo. Nessa pesquisa é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situa sua interpretação dos fenômenos nos estudos.

#### **1.1. Justificativa**

A pesquisa foi pensada a partir das aulas de Memória e história do curso Licenciatura em Educação do Campo da faculdade de Planaltina - FUP, onde a professora propunha para os estudantes fazerem pesquisas nas comunidades fazendo um resgate da memória de cada comunidade. Foi através desse trabalho que percebemos a necessidade de realizar uma pesquisa que fosse do interesse da comunidade.

A partir de então, resolvemos tratar dos saberes e fazeres das benzedeadas e seus benzimentos na comunidade Kalunga Prata, e registrar os resultados para que viessem a ser transformados em uma monografia de conclusão de curso. O interesse por essa pesquisa se deu devido ao uso constante das práticas das benzedeadas, uma vez em que as pessoas da comunidade ficam doentes e as mesmas fazem o trabalho dos médicos.

Nesse sentido, acreditamos que esse trabalho é importante, porque ao registrar as práticas de curar doenças utilizadas pelas benzedeadas, estamos contribuindo com a preservação da cultural tradicional da comunidade, além de se apresentar como registro para futuras pesquisas.

#### **1.2. Objetivos**

Os objetivos constituem a finalidade de um trabalho, ou seja, a meta que se pretende atingir com a elaboração da pesquisa. São eles que indicam o que o pesquisador realmente deseja fazer. Sua definição clara ajuda em muito na tomada de

decisões quanto aos aspectos metodológicos da pesquisa, afinal, temos que saber o que queremos fazer, para depois resolvermos como proceder para chegar aos resultados pretendidos (GONÇALVES, s/d).

Sendo assim, elencamos os seguintes objetivos:

### **1.2.1. Objetivo Geral**

Registrar e analisar os saberes das benzedeadas e a importância de suas práticas de benzimento para a comunidade quilombola Prata, município de Cavalcante de Goiás.

### **1.2.2. Objetivos Específicos**

- ✓ Registrar os saberes e fazeres das Benzedeadas da comunidade Prata;
- ✓ Analisar os saberes associados ao uso da prática de benzimento, identificando suas contribuições para com o povo quilombola;
- ✓ Incentivar a escola e a comunidade Prata a respeitar e valorizar os saberes das benzedeadas como forma de fortalecimento da cultura quilombola.

### **1.3. Procedimentos metodológicos**

A pesquisa se apresenta como qualitativa. É qualitativa uma vez na qual a pessoa pesquisada relata e o pesquisador observa e anota tudo de importante, a fim de produzir dados relativos à maneira como as pessoas representam seu mundo e vivem nele.

**Pesquisa Bibliográfica:** levantamento dos principais autores e suas teorias, as quais servirão como sustentação para a análise e discussão dos dados.

**Pesquisa Documental:** análise em fontes de arquivos e documentados, acerca da Educação do Campo; Educação Quilombola; Os Kalunga; Comunidade Prata; Festas e Rezas tradicionais Kalunga; Benzedeadas; Benzimentos.

**Pesquisa do tipo Etnográfica:** É uma pesquisa que tem sempre caráter interpretativo e se inicia com algumas perguntas exploratórias, postuladas com base na leitura da literatura especializada, na experiência de vida e no senso comum do pesquisador (BORTONI-RICARDO, 2008).



**Estudo de caso Etnográfico:** É um tipo de pesquisa com abordagem qualitativa e/ou interpretativa, que busca fazer uso de métodos desenvolvido na tradição etnográfica, como, a participação do etnógrafo durante extensos períodos, na vida diária da comunidade que está estudando, observando tudo o que acontece, reunindo todas informações que possam desvelar a característica da cultura do seu foco em estudo (BORTONI-RICARDO, 2008)

**Pesquisa de Campo:** Foi realizada na Comunidade Kalunga Prata, e se efetivou mediante os procedimentos de coletas de dados com entrevistas e aplicação de questionários, além de acervos de estudiosos do assunto em foco, mais precisamente acerca da cultura quilombola, religiosidade e das rezas.

A pesquisa se efetivou também por uma análise de documentos com fontes textuais precisas, além de acervos literários e publicações em artigos científicos, que discutem as rezas e benzedeadas, bem como resultados voltados à história da comunidade Kalunga Prata.

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que permitiram desenvolver o trabalho.

## **CAPÍTULO II**

### **2.0 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: UMA SÍNTESE HISTÓRICA**

Nesse capítulo abordamos os aspectos históricos da Educação do Campo e da Educação Quilombola. Não obstante, a história começa a ser feita desde que se nasce e, logo ali, entra-se no processo educativo. Por isso, a importância de propiciarmos ações que se valham de inúmeras possibilidades para o aprender.

O que vai ser construído aqui neste capítulo é a concepção de uma educação nova, uma educação onde quilombolas e camponeses possam se perceberem protagonistas, desde a formação dessa escola nova até o beneficiamento que a mesma possibilita à comunidade. Mesmo porque essa é uma educação que não oprime, mas que emancipa os sujeitos. Essa educação tem como propósito considerar a realidade dos educandos e também o processo histórico a qual pertence.

#### **2.1. Escola e Educação do Campo**

A escola como um aparelho disseminador ideológico poderia vir a contribuir com a formação dos educandos como sujeitos construtores do seu futuro incluindo nessa formação as culturas, as práticas e os saberes e fazeres da comunidade e do território onde estão inseridos.

Em 2013 iniciei a observação nos anos iniciais do ensino fundamental do 2º ao 5º ano na Escola Nossa Senhora Aparecida na comunidade Prata, e em 2014 não só observei como também estagiei no 6º e 7º ano. Em 2015 tornei fazer o processo de observação e estágio, só que no 8º ainda na mesma escola. Ainda em 2015 realizei uma observação e estágio no 1º ano do Ensino Médio, mas agora na comunidade Capela Vão do Moleque no Colégio Estadual Calunga I – Extensão Maiadinha. As observações eram de 10 h e os estágios de 40 h. Fui muito bem recebida, coletei dados positivos e negativos durante esse período. Encontrei algumas dificuldades em ministrar alguns conteúdos. Mas tudo o que vivi nesse período de estagiário contribuiu muito para a minha formação acadêmica.

A partir dessas inserções pude observar que essas escolas não trabalham as especificidades do campo e muito menos as culturas tradicionais das comunidades. Ela precisa trazer para a sala de aula a vivência dos educandos para que, a partir daí, eles possam se identificar como sujeitos capazes de se sentirem protagonistas da sua própria história, que é uma história muito rica. A educação no campo não está conseguindo

manter os jovens na sala de aula, ou seja, estão cada vez mais sendo influenciados por outras culturas.

Nesse sentido, Kolling, Cerioli e Caldart afirmam que:

Temos uma preocupação prioritária com a escolarização da população do campo. Mas, para nós, a educação compreende todos os processos de formação das pessoas como sujeitos do seu próprio destino. Nesse sentido, educação tem relação com cultura, com valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho e para a participação social (KOLLING, CERIOLI e CALDART, 2002, p. 19).

O Brasil possui 76,2 mil escolas rurais, de acordo com dados do Censo Escolar 2011. A mesma pesquisa mostra que, desse total, 42 mil são multisseriadas, quase 15% ainda não possuem energia elétrica, 89% não têm biblioteca e 81% não contam com laboratório de informática. Além da infraestrutura precária, um levantamento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) feito com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009 indica que 2,5% das crianças e dos adolescentes com idade entre 7 e 14 anos que vivem no campo estão fora da escola. Isso revela que ainda estamos longe de universalizar o acesso à Educação Básica na zona rural e de garantir a qualidade dele. Outro desafio é a formação dos professores que atuam nas escolas do campo. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), aproximadamente 160 mil (44%) não possuem sequer ensino superior.

Segundo Mônica Molina (s/d), as principais características da Escola do Campo brasileiro é que escola rural vai além da localização geográfica. Ela recebe sujeitos cuja organização social se dá pelo trabalho no campo. Embora por definição ela seja a instituição que está no espaço rural, nas áreas assim definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a identidade dela não tem a ver somente com o lugar. Por isso, a escola precisa ter um currículo adequado aos saberes e às necessidades dos estudantes. É claro que a questão da localização é fundamental, a ponto de estarmos lutando para ampliar o número de unidades nas áreas rurais. Ainda assim, não há como desconsiderar que há escolas em mais de 4,5 mil municípios no período urbano com menos de 20 habitantes cujos os alunos são camponeses.

### **2.2.1 Educação do Campo:**

Caldart (2012, p. 259) afirma que:

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

Ainda de acordo com Caldart (2012), o protagonismo dos movimentos sociais camponeses é originário da Educação do Campo, e nos ajuda a puxar o fio de alguns eixos estruturantes desta experiência, e, sendo assim, nos ajuda na compreensão do que essencialmente ela é e na consciência de mudança que assinala e projeta para além dela mesma.

Nesse sentido destacamos o curso de Licenciatura em Educação do Campo LEdoC que é um curso regular da Universidade de Brasília, campus de Planaltina, UnB/FUP, que se realiza em alternância, subdividido em tempo escola e tempo universidade, e tem como objetivo formar professores, educadores para atuarem na escola do campo. Esse curso é resultado de muita luta dos Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que tinham como objetivo firmar lutas por políticas públicas que era garantir aos trabalhadores do campo uma educação que não seja só no campo, mas que seja também do campo (CALDART, 2012).

Com efeito, a Educação do Campo nasceu da luta incessante dos trabalhadores do campo. Essa expressão nasceu primeiramente como Educação básica do campo, e a partir do seminário realizado em Brasília em 26 a 29 de novembro 2002 passou a ser chamada de Educação do campo, e foi reafirmada em 2004 na II Conferência Nacional realizada (CALDART, 2012).

Nesse sentido, a Educação do Campo surgiu como uma articulação dos trabalhadores do campo, onde lutavam por educação, por direito a políticas públicas que atendesse aos interesses sociais dos trabalhadores do campo. Esses trabalhadores do campo travaram lutas difíceis em função de superar a desigualdade que perpassa um longo período histórico, onde camponeses, assalariados rurais, povos tradicionais, se veem excluído do modelo de sociedade que está imposto.

A Educação do Campo surgiu com o objetivo de associar as lutas de sujeitos particulares com os mesmos interesses sociais em comum, e foram os próprios trabalhadores quem protagonizaram, ou seja, se organizaram em quanto coletivo, pensaram e agiram juntos em função da educação e formação para os trabalhadores (CALDART, 2012). Isso foi um grande acontecimento para a Educação do campo,

trabalhadores do campo unidos coletivamente em busca de educação para conquistar a sua emancipação.

Os sujeitos da Educação do campo são mulheres, homens, família que trabalham na terra, ou seja, são todos trabalhadores do campo. Quando esses discutem a Educação do Campo, tratam da Educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores do campo, sejam eles quilombolas, indígenas, assentados, dentre outros vinculados ao trabalho e a vida no campo.

Segundo Caldart (2012), os sujeitos efetivos da Educação do Campo (EdoC) têm o desafio de evitar que esta se torne um conceito meramente formal, sem correspondência ao seu objeto, ou mesmo que passe a identificar outro objeto, como outra referência de classe, um desafio que somente pode ser superado pelo seu movimento real de luta e construção. Mesmo porque há entidades que contribuem fielmente para que isso aconteça (CALDART, 2012).

A Educação do Campo foi criada sob exigências, pois para eles não era possível tratar da política educacional deslocada da questão do trabalho, da cultura, do embate de projetos de campo, de modelo e lógicas de agricultura, que tem implicações sobre o projeto de país, de sociedade e sobre concepções de política pública, de Educação, e de formação humana (CALDART, 2012).

Com relação à Educação, os camponeses são os maiores prejudicados, e é por isso que a luta não é por qualquer escola e sim por uma escola que forma para vida, que emancipa. Essa escola não pode ser pensada fora da contradição fundamental entre capital e trabalho, e sem o objetivo da superação das leis fundamentais de funcionamento da lógica de produção que move o capitalismo, que é a exploração do trabalho e da natureza. Mesmo porque é o trabalhador camponês é que fica em desvantagem, sendo que a força de trabalho do camponês que é apropriada pelas grandes latifundiários e como se não bastasse se apropriam também das terras dos camponeses. Então tudo isso são questões que a EdoC traz como pontos importantes também ao coletivo de trabalhadores (CALDART, 2012).

Essa Educação se consolidou a partir das lutas pela transformação da realidade educacional específica das áreas de Reforma Agrária, protagonizada naquele período pelo MST, para lutas mais amplas pela educação do conjunto dos trabalhadores do campo. Foi preciso articular experiências históricas e resistência. Ao afirmar a Educação do Campo afirma também à luta por políticas públicas que garante aos trabalhadores do campo o direito a educação que seja no e do campo (CALDART, 2012).

### **2.2.2. Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília**

A Licenciatura em Educação do Campo é uma modalidade nova nas universidades públicas brasileiras que tem como objetivo formar e habilitar profissionais para atuarem nas escolas nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio (MOLINA e SA, 2012).

Conforme afirmamos anteriormente, a Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é um curso de cunho regular oferecido pela Universidade de Brasília (UnB), ofertado nos princípios da Pedagogia da Alternância, e está subdividido em Tempo escola e Tempo Comunidade. Tem como objetivo capacitar professores e educadores para as escolas do campo. Os componentes curriculares eram divididos em duas áreas de conhecimento (habilitações): Ciências da natureza e Matemática, e linguagens. Agora, no ano de 2015, está na oitava turma, e a Matemática passou a ser oferecida separadamente. No entanto, atualmente são três habilitações que o curso oferece. Anualmente eram oferecidas 60 vagas para alunos do campo com carga horária de 3525 horas\aula e 235 créditos, integralizados em oito etapas (semestres). Já na turma 08 foram oferecidas 120 vagas. O que é bom, mostrando que o curso anda em uma linha de progressão.

Um dos objetivos da proposta pedagógica é manter os alunos no meio em que vivem, mesmo durante a graduação. Por isso desde o primeiro semestre, os estudantes alternam o aprendizado nas aulas com a prática no campo. Após o tempo aula os estudantes retornam partilhando o saber adquirido na universidade com a comunidade, e vice-versa.

A LEdoC vem com a visão de superar a educação que se reduz a escolarização. Para ela deve se compreender a Educação do Campo vinculada à vida dos sujeitos, traçando processos formativos. Segundo Molina e Sá, a Educação do Campo compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo, em suas lutas cotidianas para manterem essa identidade como elementos essenciais de seu processo formativo (MOLINA e SÁ, 2012, p. 467).

A LEDOC tem como intenção formar educadores que estejam aptos a atuar para muito além da educação escolar, capazes de promover profunda articulação entre escola e comunidade. Ela quer garantir a formação de sujeitos que estejam

preparados tanto para a habilitação da docência por área de conhecimento, para a gestão de processos educativos escolares quanto para a gestão de processos educativos comunitários.

### **2.3. Educação Kilombola**

O ensinar está relacionado a demandas que nós nos fazemos ou que a sociedade nos faz. Esse procedimento, em um primeiro momento, dá vazão a uma ideia de exigência, e de certa forma o é, mas não é qualquer exigência. Trata-se de um olhar mais focalizado para um horizonte relativamente esquecido nas produções acadêmicas, especialmente as educacionais: um espaço rural e negro (BRASIL, 2010, p.139).

Os quilombos sempre foram tratados na historiografia e na Educação brasileira como se restringindo a redutos de escravos fugidos e a experiência do período escravista. No entanto, esse espaço formado por todo o país não foi somente para fuga e resistência ao sistema vigente, mas também em busca de espaço em uma perspectiva dinâmica onde poderiam reproduzir um modo de vida culturalmente próprio. Mobilizados enquanto militantes e parlamentares negros já se conseguiram algumas conquistas como, por exemplo, as terras reconhecidas como propriedade definitiva. Todavia, hoje o quilombo tem um desafio, que é inaugurar caminhos para se concretizar um fazer pedagógico para essas comunidades (BRASIL, 2010).

Segundo dados da Fundação Cultural Palmares no Brasil, existem hoje 3.754 comunidades remanescente de quilombos. Mas de acordo com outras fontes esse número pode chegar a 5 mil. E as escolas que existem para atender essa parcela da população ainda são insuficientes. Então, é dever do Estado superar essa situação e a sociedade civil pressionar para que o mesmo implemente políticas públicas que garantam o direito a especificidade da educação escolar quilombola (BRASIL, 2011).

Foi iniciado em 2011 pela Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), o processo de elaboração das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola. Essas diretrizes vieram a público em 2012, e é o que vai orientar os sistemas de ensino para que possam colocar em prática essa educação tão almejada e esperada pelos quilombos, uma Educação que tenha um diálogo com a realidade sociocultural e política das comunidades e do movimento quilombola.

Essa escola deverá se tornar um espaço educativo que efetive o diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, valorize o desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território (BRASIL, 2011). Portanto, a escola precisa de currículo, projeto político pedagógico, espaços, tempos, calendários, e temas adequados às características de cada quilombola para que o direito a diversidade se concretize. Os quilombolas preocupam-se com seu futuro e têm claro interesse em que a educação faça parte de seus projetos de futuro, porém são muitas as barreiras a vencer para implantar um ensino voltado para a realidade dos povos negros quilombolas.

O que a série Educação Quilombola pretende oferecer aos professores é conhecimentos para atuarem efetivamente em sala de aula na formação da cidadania, com respeito pelas diversas matrizes culturais, a partir das quais se constrói a identidade brasileira. Ainda tem a pretensão também de valorizar as nossas origens e a nossa história, como condição de afirmação da nossa dignidade enquanto pessoas e de nossa herança cultural, como parte da infinita diversidade que constitui a riqueza do ser humano. Esses valores se revelam essenciais numa sociedade marcada, simultaneamente, por uma formação pluriétnica e pelo peso da herança escravocrata (BRASIL, 2007). Ademais, a escola tem um papel fundamental para os moradores dos quilombos contemporâneos, mas eles desejam uma escola sua, da comunidade, onde suas diferenças sejam respeitadas.

Cada vez mais as comunidades remanescentes de quilombos no Brasil buscam o reconhecimento de seus direitos, a valorização de sua cultura, a afirmação de sua identidade e uma maior participação na sociedade envolvente. Portanto, é necessário que sejam integradas à sociedade brasileira, do ponto de vista sociopolítico e econômico, por meio de políticas públicas, uma vez que elas são discriminadas das mais variadas formas e privadas de direitos fundamentais (BRASIL, 2007).

Do ponto de vista geopolítico-administrativo, as comunidades quilombolas pertencem a diversos municípios, entretanto as identidades negras revelam-se firmemente enraizadas nos diversos territórios históricos e geográficos bem delimitados (BRASIL, 2007, p. 22).

Tendo o domínio de informações acerca dos direitos humanos, das políticas públicas e dos direitos garantidos em lei, imprescindíveis à sua luta, os (as) quilombolas



poderão exigir a garantia de seus direitos de forma efetiva, podendo assim, intervir e participar de forma mais qualificada. Assim sendo, a educação:

[...] é um instrumento privilegiado para formar cidadãos capazes de conhecer e compreender, para saber discernir e, se necessário, mudar a sociedade em que vivem. Atentar para a composição multicultural do povo brasileiro é condição essencial quando se tem por objetivo formar alunos e professores para o exercício da cidadania (BRASIL, 2007, p. 22).

Discutir uma concepção de conhecimento para quilombolas significa pensar em uma formação curricular onde o saber instituído e o saber vivido esteja contemplado, provocando uma ruptura em um fazer pedagógico em que o currículo é visto enquanto grade, hierarquicamente organizado com conteúdos que perpetuam o poder para que determinados grupos continuem a outorgar (BRASIL, 2010).

Quilombolas estudam conteúdos completamente desvinculado de suas especificidades, muitos nem ao menos entendem ou sabem sobre a história e cultura africana e afro-brasileira. Só sentem na pele a força do preconceito racial pela sociedade brasileira, pressupondo o negro ser o contrário do branco e nada mais. Portanto as comunidades têm a necessidade urgente de que na matriz proposta se viabilize a implementação da lei n 10.639\2003 no contexto escolar. Essa implementação é um desafio para que toda a sabedoria relacionada à história e a cultura africana e Afro-brasileira se torne um conhecimento presente, efetiva e positivamente, na sala de aula para que assim possam atuar questionar, reivindicar e exigir respeito à sua história.

### **2.3.1. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, constitui-se num documentos de extrema relevância para a organização e funcionamento de escolas em território onde vivem comunidades remanescentes de quilombos.

Nesse sentido apresentamos, a seguir, o que reza esse importante documento, quando trado do “Título III da definição de Educação Escolar Quilombola, no Art. 9º, afirmando que a “Educação Escolar Quilombola” compreende: I - escolas quilombolas;

II - escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas. No Parágrafo Único, determina que entende-se por escola quilombola aquela localizada em território quilombola.

Já o “Título IV, trata da Organização da Educação Escolar Quilombola, Art. 10, afirmando que a organização da Educação Escolar Quilombola, em cada etapa da Educação Básica, poderá assumir variadas formas, de acordo com o art. 23 da LDB 9394/96, tais como: I - séries anuais; II - períodos semestrais; III - ciclos; IV - alternância regular de períodos de estudos com tempos e espaços específicos; V - grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

No Art. 11, que trata do “Calendário da Educação Escolar Quilombola”, assinala que este deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas, econômicas e socioculturais, a critério do respectivo sistema de ensino e do projeto político-pedagógico da escola, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto na LDB 9294/96. O § 1º “O Dia Nacional da Consciência Negra”, comemorado em 20 de novembro, deve ser instituído nos estabelecimentos públicos e privados de ensino que ofertam a Educação Escolar seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

No Art. 11, que trata do “Calendário da Educação Escolar Quilombola”, assinala que este deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas, econômicas e socioculturais, a critério do respectivo sistema de ensino e do projeto político-pedagógico da escola, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto na LDB 9294/96. O § 1º “O Dia Nacional da Consciência Negra”, comemorado em 20 de novembro, deve ser instituído nos estabelecimentos públicos e privados de ensino que ofertam a Educação Escolar.

Quilombola, nos termos do art. 79-B da LDB, com redação dada pela Lei nº 10.639/2003, e na Resolução CNE/CP nº 1/2004, fundamentada no Parecer CNE/CP nº 3/2004.

Já segundo o § 2º, o calendário escolar deve incluir as datas consideradas mais significativas para a população negra e para cada comunidade quilombola, de acordo com a região e a localidade, consultadas as comunidades e lideranças quilombolas. No Art. 12, consta que os sistemas de ensino, por meio de ações colaborativas, devem

implementar, monitorar e garantir um programa institucional de alimentação escolar, o qual deverá ser organizado mediante cooperação entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e por meio de convênios entre a sociedade civil e o poder público, com os seguintes objetivos:

I - garantir a alimentação escolar, na forma da Lei e em conformidade com as especificidades socioculturais das comunidades quilombolas;

II - respeitar os hábitos alimentares do contexto socioeconômico-cultural-tradicional das comunidades quilombolas;

III - garantir a soberania alimentar assegurando o direito humano à alimentação adequada;

IV - garantir a qualidade biológica, sanitária, nutricional e tecnológica dos alimentos, bem como seu aproveitamento, estimulando práticas alimentares e estilos de vida saudáveis que respeitem a diversidade cultural e étnico-racial da população;

Art. 13 Recomenda-se que os sistemas de ensino e suas escolas contratem profissionais de apoio escolar oriundos das comunidades quilombolas para produção da alimentação escolar, de acordo com a cultura e hábitos alimentares das próprias comunidades.

Parágrafo Único, “os sistemas de ensino, em regime de colaboração, poderão criar programas de Educação Profissional Técnica de Nível Médio para profissionais que executam serviços de apoio escolar na Educação Escolar Quilombola”, de acordo com o disposto na Resolução CNE/CEB nº 5/2005, fundamentada no Parecer CNE/CEB 16/2005, que cria a área Profissional nº 21, referente aos Serviços de Apoio Escolar.

Art. 14 “A Educação Escolar Quilombola deve ser acompanhada pela prática constante de produção e publicação de materiais didáticos e de apoio pedagógico específicos nas diversas áreas de conhecimento, mediante ações colaborativas entre os sistemas de ensino”. § 1º: As ações colaborativas constantes do caput deste artigo poderão ser realizadas contando com a parceria e participação dos docentes, organizações do movimento quilombola e do movimento negro, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e grupos correlatos, instituições de Educação Superior e da Educação Profissional e Tecnológica. § 2º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem assegurar, por meio de ações cooperativas, a aquisição e distribuição de livros, obras de referência, literatura infantil e juvenil, materiais didático-pedagógicos e de apoio pedagógico que valorizem e respeitem a história e a cultura local das comunidades quilombolas.

Nessa perspectiva, a Educação Quilombola assume status de Política Pública, e cabe às comunidades reivindicarem seus direitos, e implementarem uma Escola do Campo que ofereça uma Educação Quilombola.

### CAPÍTULO III

#### 3.0 POVOS TRADICIONAIS: OS KALUNGA E A COMUNIDADE QUILOMBOLA PRATA

Neste capítulo, abordamos os Kalunga, os Quilombos e os remanescentes quilombolas, populações tradicionais que vivem e lutam por seus direitos a terra e a preservação de seus valores e saberes tradicionais.

**Foto 1. Quilombolas da comunidade Prata.**



**Fonte: Valquíria F. Dias**

Este casal representa muito bem o povo quilombola, ou seja, trazem com si as características do povo Kalunga da comunidade Prata. Foi através deles que foram levantados dados referentes à comunidade, os jovens e algumas dificuldades encontradas. Neste casal se encontra a humildade, a simplicidade e a força de vontade de lutar por dias melhores. São eles quem produzem o que precisam para a subsistência da família, como a moradia simples e o próprio alimento. E ainda demonstram uma solidariedade inigualável.

### 3.1. Comunidades Tradicionais

O Brasil é um país múltiplo e variável quando se trata de sua composição étnica. Diversos segmentos da sociedade brasileira são marcados por identidades coletivas próprias. Cerca de oito milhões de brasileiros fazem parte de povos e comunidades tradicionais, correspondendo entre esses, uma média de dois milhões de remanescentes quilombolas, de acordo com o Centro de documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES, 2008 *apud* MONTE ALTO, 2012).

Por mais de três séculos, os quilombolas foram construindo suas identidades. É através da identidade que se criam e recriam as suas culturas e modos de vida, e a sobrevivência do próprio quilombo. A identidade está presente em tudo àquilo que faz parte do patrimônio cultural, os costumes e as tradições. Nas comunidades quilombolas, as pessoas contam com os benefícios que os saberes culturais proporcionam. Esses, que também são fazeres, baseiam-se na convivência entre gerações, que adquiriram a partir dos conhecimentos dos ancestrais (MONTE ALTO, 2012).

No Brasil, o decreto nº 6040, de 07 de fevereiro de 2007, refere-se ao termo populações tradicionais como povos e comunidades tradicionais, os quais são definidos pelo Artigo 03:

Povos e comunidades tradicionais: Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição (BRASIL, 2007).

Comunidade tradicional é aquela que valoriza os saberes historicamente construídos, fortalecendo assim a identidade e a cultura de um povo. Segundo Saraiva (2012), ser tradicional pode ser visto como uma condição que tornou possível a valorização de saberes; historicamente excluídos e desqualificados, fortalecendo a identidade e a cultura. Essas comunidades tradicionais a partir de seus conhecimentos trouxeram observações atentas da natureza e experimentação dos seus recursos naturais.

Comunidades tradicionais são aquelas que trazem consigo culturas, saberes e fazeres de muitos anos atrás, que se aprendem na convivência uns com os outros e com o meio. Para Silva (2013, p. 19) "[...] a tradicionalidade remete ao modo de viver

diferenciado, onde as pessoas se identificam entre si e compartilham seus costumes; o cuidado com a saúde; crenças e memória coletiva vinculada ao território onde vivem".

Com efeito, a comunidade Prata tem o privilégio de contar com a presença desses saberes, que são repassados através da oralidade. De acordo com Delgado (2006, p. 15) a história oral é um procedimento metodológico que busca, "[...] pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões".

### **3.2. Terra e território**

Para alguns, a ideia de território traz subjacente a imagem de segregação e isolamento. No entanto, em comunidades quilombolas a terra avança esse caráter. Ela não se constitui em apenas lugar de fixação, mas, sobretudo como condição para a existência do grupo e de continuidade das referências simbólicas (BRASIL, 2010).

O território quilombola se constitui enquanto um agrupamento de pessoas que se reconhecem com a mesma ascendência étnica, que passam por inúmeros processos de transformações culturais, como forma de adaptação resultantes do caminho da história, mas se mantêm se fortalecem e redimensionam as suas redes de solidariedade (RATTS, 2003 *apud* BRASIL, 2010).

Os processos para a formação dos territórios quilombolas foram vários. Esses territórios se constituíram através das ocupações de terras livres, doação de terras, troca de terras por serviço prestado ao Estado e também através de fuga e compra. No transcorrer dos tempos, esses agrupamentos foram recebendo algumas denominações, tais como terra de preto, território negro, mocambos, comunidades negras rurais, terras de santo, entre outros. Mais tarde esses termos passaram a ser quilombo ou comunidade quilombola, até chegar em "remanescente de quilombo" fortalecendo assim a ideia de grupo e não de indivíduo. Essa formação se deu ao longo do tempo, mesmo após a abolição da escravidão (DUTRA, 2011).

Nesse sentido, pertencer a um grupo e a um território é uma maneira de evidenciar a identidade e a territorialidade. Nos quilombos, a lógica da coletividade se opõe ao individualismo, por isso o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias ADCT da Constituição não pode se interpretar na lógica individual da propriedade. A coletividade é um fator importante na interpretação do direito previsto

no Art. 68 da ADCT da Constituição, pois é um elemento definidor da identidade quilombola (DUTRA, 2011).

Ademais, é na convivência com o uso e a posse coletiva das terras, que grandes partes das comunidades quilombolas têm estabelecido suas práticas, não somente no uso para subsistência e comercialização, mas vivenciando sua religião, seus costumes, tradições e sentimentos de pertencimento a um lugar.

O Brasil é um país de muitas leis e direitos limitados. A afirmativa procede devido a vários fatores, mas destaco a questão do território quilombola, que hoje não é algo simples e já resolvido pelos dispositivos legais. Essa questão é permeada por conflitos e lutas por direitos constitucionais. A terra que é dos quilombolas desde o período de formação dos territórios, muitos há mais de dois séculos habitam esses territórios, no entanto, ainda não está sendo nada fácil conseguir a titulação dessas terras. Para que as comunidades quilombolas possa receber a titulação é preciso que se auto reconheçam como remanescente de quilombo (DUTRA, 2011).

O decreto nº 4887, em seu artigo 2º, conceitua como remanescente das comunidades dos quilombos aqueles grupos étnicos – raciais com critérios de alto atribuição, trajetória histórica própria e relações territoriais específicas. A partir de então, uma comunidade de que apresentasse determinadas características poderia se alto reconhecer como sendo remanescente de quilombo e, assim, ter seus direitos garantidos pelos dispositivos legais. No entanto, muitas comunidades que hoje são consideradas remanescentes de quilombo vivenciam contextos onde seus direitos são constantemente questionados por fazendeiros, legisladores, grileiros, garimpeiros, entre outros (BRASIL, 2010).

Na luta para garantir seus direitos, as comunidades quilombolas necessitam realçar traços culturais que os diferenciam das demais comunidades. Elas têm recorrido às origens do grupo, assumindo o compromisso de preservar sua cultura e identidade local.

Para os quilombolas a terra, o território é sinônimo de criação e recriação. No entanto muitos morreram lutando na expectativa de ter em mãos a tão sonhada posse de suas terras (DUTRA, 2011).

### **3.3. Os Quilombos**



Tudo começou quando, aqui no Brasil, navios chegaram trazendo africanos para que com o seu trabalho escravo o cofre da burguesia portuguesa pudesse enriquecer. Não se sabe bem ao certo quantos negros foram trazidos. Porém, muitos não resistiram à viagem longa ultramarina devido às más acomodações e precária alimentação. Já os que chegaram, enfrentaram um processo de escravidão mais longo que já existiu.

O trabalho era árduo e a recompensa vinha à chibata. A morte alcançava as senzalas devido ao cansaço, às péssimas acomodações e às cruéis punições. Baiocchi (1999, p. 32), ressalta que: “As torturas, o tronco, as vergastas do bacalhau entre outros, levavam à morte prematura, incapacidade física definitiva ou à fuga para a selva, matas e serras. Assim surgiram os quilombos-acampamentos”. Pode-se dizer que esses negros não se deram por vencidos, formaram-se grupos, travaram-se lutas, organizaram-se em quilombo (e lutam até hoje por liberdade e justiça social).

A origem dos quilombos, segundo Dutra (2011) se relaciona com o processo de escravidão negra que vigorou no Brasil por três séculos. Tais grupos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos e estratégias de resistência como, as fugas com ocupação de terras livres, entre outros meios.

Mas afinal, o que vem a ser quilombo? Segundo Baiocchi (1999, p. 32), quilombo é termo banto e quer dizer acampamento guerreiro na floresta; toda habitação de negros fugidos que passe de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões nele. Quilombo é onde os negros se organizaram em um processo extremo de defesa, afirmação e resistência. Portanto, o quilombo como forma organizacional, o Movimento Quilombola, registra-se como o mais longo fato histórico, com duração de 258 anos (1630/palmares-1888/abolição).

De acordo com Silva (2007), os quilombos foram muitos frequentes na história do Brasil, embora muitos tenham existido também em outros territórios. Estes quilombos variavam de lugar, tamanho e número da população, como também diversificava a forma de organização, mas de todos os quilombos o de Palmares foi o maior na história do Brasil. Palmares tornou-se símbolo de resistência negra, representando “desvio de padrão” e de motivo de preocupação pelas autoridades no Brasil colônia. Palmares passou a ocupar, dentro do imaginário de muitos escravos, a esperança de se alcançar a sonhada liberdade através de fuga.

Os quilombos significavam resistência para os negros africanos, pois na cultura africana quilombo é caracterizado como lugar cercado e fortificado. Durante e após a escravidão no Brasil, às comunidades quilombolas se espalharam pelo País em estados

como Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Acre e Roraima. Com a abolição da escravidão, os escravos libertos foram submetidos numa sociedade a qual não os acolheu (SILVA, 2007).

Com efeito, esse autor acredita que não é de hoje que os quilombos despertam o interesse de muitos que visam a interesses lucrativos. Os quilombos, em sua maioria, foram construídos em lugares de difícil acesso, rico em preservação ambiental e minerais preciosos. Isso faz com que latifundiários, garimpeiros, grileiros, dentre outros, lutem para se apossarem dos quilombos, não se importando com a história, com a cultura do lugar e etc.

### **3.4. Os Quilombos em Goiás**

O estado de Goiás nasce sob o símbolo do ouro e da garimpagem, sendo o africano a principal figura e, ou mesmo, o motor propulsor dessa estrutura (BAIOCCHI, 1999, p. 27). O território que é hoje o estado de Goiás começou a ser conquistado pelos colonizadores portugueses em um tempo que era dominado pela febre do ouro. Foi em 1722 que o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva e João Leite da Silva Ortiz chegaram às terras que iriam ser chamadas de “Minas dos Goiazes” com os mineradores e seus escravos. Foram precisos muitos escravos para explorar tanta riqueza, os quais trabalhavam dia e noite na mineração e ainda exerciam todo tipo de ofício que lhes eram imposto (BRASIL, 2001).

O trabalho era difícil e a vida dura. Por qualquer pequena falta que o escravo cometia, o castigo torturante era certo. Os escravos sonhavam com a liberdade, e apesar dos castigos, ainda assim tentavam até conseguiam fugir. Esse período de escravidão não se deu de forma passiva, houve revoltas, muitas revoltas, o que acabou resultando na fuga de escravos para cada vez mais longe, onde ninguém pudesse encontrá-los. Iam se embrenhando entre fundos de vales e serras em busca de refúgio. Foi a partir dessas fugas dos escravos para as profundezas do norte goiano que se resultou no segundo maior quilombo existente no Brasil, que se encontra ocupando um vasto território que abrange parte de três municípios do estado de Goiás: Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre (BRASIL, 2001).

O primeiro maior quilombo mais importante da história do Brasil, vale lembrar, foi o quilombo de Palmares que se organizou por volta de 1597 na Serra da Barriga,



Dessas comunidades tem muito que se falar, mas me limitarei falando de uma comunidade muito importante para mim, pois é a comunidade que escolhi para morar, e é o lugar do meu coração. Vou falar um pouco do que pesquisei da comunidade, mas só no próximo tópico, porque agora vou falar um pouco sobre a palavra Kalunga.

Mas afinal, o que é Kalunga e por que Kalunga? Vamos deixar claro que esse termo tem vários significados e era uma palavra muito comum entre alguns povos africanos. Era normal os próprios africanos serem chamados de calungas. Este era apenas outro jeito de dizer negros. Mas dentre vários conceitos dessa palavra, existia também significados de inferioridade como camundongo, coisa pequena insignificante. Os colonizadores passaram a chamar os negros de Calunga justamente porque para eles os negros eram realmente inferiores (BRASIL, 2001).

No entanto, para Baiocchi (1999), Kalunga para os Kalunga é um lugar sagrado que não pode pertencer a uma só pessoa ou família. É de todos e para todas as horas. E também seria o nome de uma planta resistente da família simarubáceas (simaba ferrugnea), símbolo de ancestralidade e resistência.

### **3.6. OS Kalunga da comunidade Prata**

O quilombo, ou seja, o território Kalunga é formado em lugares com grandes paredões rochosos e com água em abundância. Esses lugares serviram por muito tempo como refúgio, e tem como principal rio o Paranã, que é onde os demais rios como o Rio Prata, o Rio Bezerra, o Rio das Almas, Ribeirão dos Bois deságuam.

O principal rio da comunidade é o rio prata, que divide o estado do Tocantins com Goiás e deságua no rio Paranã. O rio recebeu esse nome porque diziam que ele era reluzente como a prata, e foi por causa desse rio que se deu o nome da comunidade. Quase toda a comunidade tem como única fonte de água para beber, tomar banho, cozinhar e tira parte do sustento, que é o peixe desse rio.

A comunidade Kalunga Prata ocupa uma parte do imenso Vão do Moleque em uma distância de 90 km da sede do município de Cavalcante. É uma comunidade remanescente de quilombolas que se encontra localizada dentro do imenso vão cercado por muitas montanhas. Segundo moradores, estimam que a comunidade tem mais de dois séculos. Não se sabem bem ao certo, mas calculam pela idade dos moradores mais velhos. Pessoas da comunidade como a entrevistada III, 73 anos, fala que a comunidade não é formada só por remanescente quilombola. Ela diz que:

Esse povoado aqui não tem só negro da África não. Misturou tudo, branco, preto e índio. Quando chegamos aqui eu ainda menina, que meus pais eram do Muleque e vieram pra cá. Chegamos aqui tinha índio ainda, que no início não se apresentava no meio de nós não. Eu mesma sou neta de índia. Tinha homem branco também e até hoje a gente vê que não é igual nós e nem eles aceitam ser igual nós.

Essa comunidade com aproximadamente 120 famílias, tem como fonte de renda benefícios do Governo Federal, como Bolsa Família e aposentadoria. A maioria vive do plantio de roças, criam vacas e galinhas. No período do plantio, algumas famílias migram temporariamente para lugares de terra fértil e têm que ficar por lá até a colheita, pois os animais nativos do local podem acabar com o plantio todo.

A comunidade produz arroz, milho, batata doce, mandioca, feijão catador e algumas hortaliças. Para o plantio é frequente a participação de toda a família, até as crianças ajudam desde o processo da limpeza da terra até a colheita. Plantam o suficiente para a manutenção da família até o próximo plantio. A roça é ainda de toco, ou seja, não se usa arar a terra, mas sim derrubar o mato com a foice e cortar os paus com o machado. Depois disso feito é só esperar secar tudo e aí é só queimar. E a terra está pronta para o plantio.

Atualmente é frequente o povo da comunidade fazer compras de mantimentos na cidade, mas há um tempo, há mais ou menos uns 30 anos, tudo era produzido na comunidade. Era costume os homens e as mulheres garimparem e terem o seu ouro para trocar por mantimentos. A entrevistada I, 73 anos, matriarca da comunidade, diz o seguinte:

Eu não ficava sem o meu ouro. No rio Sturno mesmo, tinha era muito ouro, até que veio os garimpeiros e acabou com tudo. Se ainda tiver é uma merrequinha. Quando chegava a época de festa na Capela, a gente ia e já levava o ouro que tava guardado só pra trocar por coisas de comer que nós não tinha, em pedaço de pano, carne, sal, bacia de alumínio e algumas outras coisas.

A comunidade Prata ainda é como muitas comunidades quilombolas que trazem a marca de um passado de muita opressão e sofrimento, e como se não bastasse isso ainda são ignoradas pelos governos federais, estaduais e municipais. Essas comunidades vivem isoladas e privadas de muitas coisas que para o ser humano são básicas, como transporte, estrada, educação, posto de saúde, moradia, dentre outros. Apesar da ineficiência governamental, a comunidade Prata tem resistido como filhos de Zumbi,

pois além da resistência dos antepassados, trouxeram consigo conhecimentos, ou seja, saberes e fazeres de seus ancestrais.

A comunidade prata é uma comunidade singular. Ela tem o seu jeito próprio de construir sua identidade, trazendo uma cultura ancestral, no qual respeitam e a valorizam seus modos de vida. Tardin destaca que: [...] “cultura é toda criação humana resultante das relações entre os seres humanos e deles com a natureza que leva aos estabelecimentos de modos de vida” (TARDIN, 2012, p. 178):

A cultura é uma forma de interpretar o mundo. Cada grupo define a melhor maneira de formular essa interpretação. Desse processo emergem diversidades, multiplicidades de expressões como resultado da experiência de homens e mulheres com o seu meio, com o seu grupo, com o mundo. Assim, a cultura assume as características de ser multifacetada, plural, polifônica.

Essa comunidade tem o seu jeito próprio de festejar, de rezar, de contar histórias. Todo ano, no mês de junho, é preparada uma festa para o padroeiro da comunidade, Santo Antônio. Essa festa é preparada com toda devoção. São nove dias de pura animação desse povo Kalunga. Para que a festa aconteça, é preciso que fique uma ou mais pessoas responsável por cada dia de novena. Nesses dias, a comida e a festa ficam por conta da pessoa encarregada. As rezadeiras são sempre as mesmas todos os dias, e é impressionante como senhoras sem a mínima noção de leitura rezam em português e também em uma língua muito diferente.

O dia mais importante é quando se levanta o mastro, e o encarregado da folia o entrega para o próximo folião. Para levantar o mastro é preciso que se tenha um pau com mais de 10m de altura, para que se possa colocar a bandeira do padroeiro nele. Nesse exato momento, toda a comunidade se encontra com velas feitas ali mesmo da cera tiradas do pólen da abelha, acesa. Depois disso feito, homens levantam o mastro. Enquanto isso os foliões, com suas caixas, pandeiros e violão fazem a festa, momento em que todos dançam a famosa Sussa. No dia seguinte, tem a descida do mastro, e de livre e espontânea vontade o próximo matreiro se apresenta. Depois disso tudo, aí é só se preparar para o ano seguinte. O mais importante é o que se aprende com tudo isso. Nesse momento, percebe-se, de fato, a coletividade que existe realmente entre esse povo. São um por todos e todos por um. É um verdadeiro momento de comunhão onde todos ensinam e todos aprendem juntos.

### **3.6.1. A juventude Kalunga da comunidade Prata**

Falar dos jovens dessa comunidade não é tarefa fácil e nos remete a uma preocupação, pois há uma série de identificações sobrepostas e escassez de bibliografia sobre juventude quilombola. Sabemos, sem dúvida, que juventude é mais do que uma palavra. Desde o século XX, em trabalho sobre a família camponesa, o termo jovem vem sendo acionado com frequência para designar filhos de camponês que ainda não se emanciparam da autoridade paterna – geralmente solteiros que vivem com os pais (CASTRO *apud* CALDART, 2012).

Com efeito, os jovens quilombolas sofrem as mesmas ordens de problemas que os jovens do campo não quilombolas. O que os diferenciam é a maior responsabilidade que é depositada nesse jovem, em termo de preservação da cultura e do território. Sabemos que a juventude tem papel fundamental no território e é ela quem dará ou não continuidade na preservação cultural e na tão falada resistência do território.

Um tema associado à juventude quilombola é a “migração” no sentido do fluxo de populações para a cidade. A migração ocorre por desinteresse pela vida no território, desde que percebem que ali estão largados praticamente à própria sorte. Esses jovens, uma vez entrando em contato com a urbanização, logo são atraídos pela modernidade. O fetiche urbano os atrai facilmente. A falta de emprego, e de melhores condições de vida, é o que faz com que jovens saiam de casa cada vez mais cedo para enfrentar lá fora a fúria de uma sociedade que ainda não os acolhe. A saída dos jovens da comunidade acaba deixando a comunidade apreensiva, pois são depositados neles a expectativa da preservação de tudo o que se tem conseguido preservar até agora.

### **3.6.2. Escola**

A escola Nossa Senhora Aparecida é a única escola da comunidade. Ela atende no período matutino de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental pelo município e pelo Estado no período vespertino de 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental. Foi através de muita luta de pais e professores da comunidade para que se implantassem as demais séries, pois até 2013 só atendia até o 5º ano. As séries iniciais contam com 4 professoras sendo somente uma concursada pelo município como professora, duas concursadas como merendeiras, havendo aí um desvio de função, e a outra com o ensino médio concluído. Essa trabalha com multisseriado. Já os alunos do 6º a 8º ano estudam com

professores sendo um formado em linguagem pela Licenciatura em Educação do campo – UNB Planaltina, e o outro ainda está por formar no mesmo curso, só que com habilitação em CIEMA (Ciências da natureza). Tem também uma pedagoga com muitos anos de profissão. Ambos moradores da própria comunidade.

A foto a seguir apresenta a escola.

**Foto 3. Escola municipal Nossa Senhora Aparecida.**



**Fonte: Valquíria F. Dias**

Com efeito, os alunos chegam à escola no transporte escolar, sendo esses, caminhão, caminhonete, e Uno. Todos julgados inadequados para o transporte, todos são reprovados na vistoria feita pelo Departamento Nacional de Trânsito (DETRAN), e ainda assim continua sendo o transporte escolar.

Na escola existem alunos que passam mais de quatro horas no transporte sem lugar adequado para se sentar e ainda pegando insolação. Não é justificando, mas encontra-se aí um dos motivos do desinteresse da maioria dos alunos, o cansaço. Ademais, é importante que reflitamos sobre quem são esses jovens que, em meio tantas dificuldades, seguem estudando, em um lugar que segundo eles mesmos, não oferece oportunidades. Os professores formados pela Educação do Campo já se encontram



ativos na luta juntamente com a comunidade, a Associação Kalunga de Cavalcante (AKC) e a Associação Quilombo Kalunga (AQK), em prol de benfeitorias na comunidade e principalmente na Educação da própria comunidade.

Nesse capítulo, apresentamos os territórios tradicionais com destaque para os Kalunga da comunidade Prata. No capítulo seguinte trazemos os saberes e fazeres tradicionais, quando discutimos os dados da pesquisa.

## CAPÍTULO IV

### 4.SABERES E FAZERES PARTILHADOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA PRATA: AS BENZEDEIRAS E SEUS BENZIMENTOS

Foto 4. Benzeadeira realizndo um benzimento



Fonte: Fernando Costa (2014).

Esta imagem é o próprio retrato do ato da benzeção. Ela se encontra presente, pois essa senhora é uma das muitas benzeadeiras que se encontra presente na comunidade realizando esse ato de solidariedade ao próximo.

Quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída, erisipela e vento virado. Quem quer que percorra as comunidades dos quilombos, vai se deparar, em um momento ou outro, com alguns desses nomes que fazem parte de um mundo de fé, povoado de rezas, crenças, simpatias e benzeções.

Neste capítulo, buscamos descrever como se dão as benzeções, procurando entender esses saberes históricos manifestados como a linguagem de um povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas vezes não aceitas por muitos que não entendem o valor de uma cultura diferente da sua.

No entanto, em nossa pesquisa pudemos observar que muitos saberes estão se perdendo devido ao desaparecimento das pessoas mais velhas, e do não repasse desses

saberes para os jovens. Esses jovens não podem ser culpados por desinteresse, pois eles apenas não estão tendo oportunidade de vivenciar e aprender essas práticas para que possam vir a valorizar sua importância. Para a realização da pesquisa, houve a contribuição de 03 senhoras quilombolas, por meio da oralidade, sendo elas idosas, benzedeiras, rezadeiras, muito humildes e solidárias para com a comunidade. Salientamos que a comunidade as vê como pessoas sábias dos conhecimentos populares tradicionais dos Kalunga.

Havendo a necessidade de obtenção de informações, foram realizadas várias entrevistas no decorrer do curso, seguidas de gravações e anotações, sugeridas pela professora de História e Memória, Regina Coelly Saraiva. E foi a partir daí que percebemos a importância das benzedeiras para a comunidade. Essas entrevistas contribuíram muito para a escolha do tema da monografia. Então, juntamente com a orientadora Severina de Almeida (Sissi) decidimos registrar esses saberes e transformá-lo em um trabalho de conclusão de curso. Então a primeira entrevista foi realizada com três benzedeiras a pedido da professora Regina e a segunda também com as mesmas benzedeiras só que a pedido da professora e agora orientadora Sissi. As duas entrevistas foram utilizadas questionários para desenvolver melhor o trabalho. A partir daí, o trabalho de campo cumpriu o objetivo de levantar dados sobre o benzimento na sua totalidade. Foram feitas duas entrevistas, tendo como colaboradoras três benzedeiras.

Quando foi preciso fazer as entrevistas tanto para monografia como para outros trabalhos, o primeiro passo foi me apresentar como estudante do curso Licenciatura em Educação do Campo e objetivo do curso, e em seguida, que precisaria da contribuição das pessoas que participaram da formação do trabalho. Então, não só as três benzedeiras como também outras pessoas aceitaram participar das entrevistas.

Desde 2012 começaram as entrevistas e só chegou ao final no finalzinho de 2015. Os colaboradores gostaram de participar, pois sabiam e também foi deixado claro que o resultado final do trabalho seria retornado para a comunidade, além de contribuir para a valorização deles e de seus saberes culturais, tradicionais.

#### **4.1. A arte de benzer**

Foi desde a chegada dos colonizadores portugueses que as formas de se relacionar com as doenças e as práticas de cura vêm percorrendo a história do Brasil. Esses vários modos de lidar com as enfermidades presentes no Brasil tem uma longa

história, pois eram práticas que vinham de vários povos como dos índios, africanos e portugueses das camadas populares. Esses eram quem recorriam das práticas de cura. Tais práticas eram trazidas da região de origem, muito antes da colonização do Brasil (BOING e STANK, 2013).

As práticas terapêuticas populares permaneceram ao longo da história. Parte desses conhecimentos ainda pode ser encontrada nas comunidades quilombolas, como a comunidade Prata, localizada no município de Cavalcante de Goiás. Nas várias práticas de cura é utilizado o uso das plantas medicinais e o benzimento. Há uma diversidade de procedimentos nessas práticas e os mais usados são os benzimentos contra quebranto, mau olhado e arca caída. São esses conhecimentos empíricos que fortalecem e caracterizam a comunidade como tradicional.

**Mas afinal o que é benzimento ou o ato de benzer?** Benzer significa tornar Bento ou Santo. Benzer uma pessoa é o ato de rezá-la, pedindo que dela se afastem todos os males ou o mal específico que lhe esteja afligindo. Faz-se o “sinal da cruz” sobre a pessoa, animal ou objeto, recitando orações diversas com o objetivo de consagrá-la ao divino e pedir para o favor do céu, abençoando. “A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente” (OLIVEIRA, 1985).

O Benzimento é uma prática muito antiga presente em muitas culturas, mas aqui no Brasil ganhou força no período da colonização junto aos imigrantes que chegaram. Vale lembrar que os próprios Índios aqui já estabelecidos praticavam seus rituais de cura dentro de um conjunto de orações no seu próprio dialeto.

A maioria das benzedeadas são idosas, católicas, com pouca escolaridade e baixa renda. Elas encaram seu ofício como um serviço assumido por tradição e em resposta a necessidades, da comunidade. Não cobram pelos benzimentos, mas geralmente os que procuram seus serviços, levam presentes como forma de agradecimento.

O benzimento é uma técnica simples, independente de crença ou religião, de dia, lua, horário ou local para ser praticado.

**Quem pode benzer?** Alguns dizem que o benzimento só pode ser praticado quando se aprende dentro de uma tradição ou quando se é passado por alguém da própria família. A maioria das antigas benzedeadas relatam que aprenderam com alguém da família ou que foram apadrinhadas por outra benzedeadas, pois tinham o dom. Algumas relatam que receberam as orações e a missão de benzer durante um sonho.

Atualmente, muitas pessoas defendem que para praticar o benzimento não é preciso ser médium, possuir dons espirituais, nem ter nenhum tipo de pré-requisito além da vontade de ajudar ao próximo. Sendo assim, o benzimento é livre a qualquer pessoa que queira aprender. Qualquer pessoa pode fazê-lo desde que tenha fé na força que vem de Deus e que habita em cada um de nós. Através da vontade no bem, criamos um campo fluídico cheio de magnetismo benéfico, repleto de agentes restauradores de forças e energias gastas, que ao serem repostas, atuam na reparação dos males que se instalaram (LEITE e ARCHANJO s/d).

**O que pode ser benzido?** As enfermidades curadas pelas benzedadeiras se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam o cotidiano. Enquanto a Medicina científica se concentra nos aspectos biológicos do processo saúde-doença, a benzeção ocupa-se de perturbações que desequilibram a vida das pessoas e que podem ser causadas por um amplo leque de fatores, aproximando-se mais da forma subjetiva como as pessoas vivenciam o processo saúde-doença (LEITE e ARCHANJO s/d). Além disso, a eficácia do benzimento está estreitamente relacionada ao modo como as pessoas percebem a saúde e a doença.

#### **4.1.1. O Benzimento como Prática Terapêutica**

Negócios, mal no corpo, doenças físicas, psicológicas ou espirituais, sapinho na boca, quebranto, mau olhado, etc. Algumas benzedadeiras se especializam em determinadas rezas. Por exemplo: geralmente as mulheres benzem crianças e os homens picados de cobra.

**Elementos no benzimento:** O dom ou a faculdade de curativa é inerente ao benzedor, a preferência por certo objeto, erva, ou certa gesticulação, serve-lhe de catalizador do próprio benzimento. Os elementos utilizados são diversos, tais como: Vela, tesoura, faca, carvão, ervas, água, ramos, sal, Bíblia, rosários, fios de linha, etc. O elemento mais popular é o ramo. Algumas benzedadeiras dizem que quando não usam o ramo o mal “vira prá elas”; após a reza, se a pessoa estiver carregada, as folhas ficam “muchas”. Pode-se usar qualquer tipo ramos de plantas para realizar o benzimento. Dentre as ervas podemos citar a arruda, o alecrim, o elevante, o guiné. Pelas propriedades de cada uma delas, de limpar a energia negativa. Ou ainda alguma erva que a benzedeira use somente para esse fim (LEITE e ARCHANJO s/d).

Também são utilizados elementos em rezas específicas como, por exemplo, uma faca para cortar o mau olhado ou o ramo de oliveira para a “vermelhidão”. No entanto é importante que aqueles que queiram iniciar a prática do benzimento saibam que os elementos não são necessários.

Quando mencionamos o uso de objetos dentro do benzimento, notamos que na realidade se vincula aos mesmos no plano etéreo suas atuações idênticas no plano físico. Quando utilizamos facas para se benzer, nem sempre esta prática é bem aceita, pois a associação que se faz com este elemento está sempre ligada ao negativo. Olhando por um prisma espiritual verificaremos que a faca tem uma única função “CORTAR” e não se dever ser associado a ela a AÇÃO que o ser vivente toma com a mesma, sendo esta segunda de total responsabilidade de quem o faz (LEITE e ARCHANJO s/d). Ao benzermos uma pessoa com o uso de uma faca, pouco importa sua forma ou alegoria que nela seja colocada, nem tão pouco se tenha corte ou não, pois em momento alguma há o contato dela e de seu fio de corte com a pessoa que está sendo benzida, ficando a atuação somente no campo ritualístico. Os movimentos neste benzimento devem ser lentos para não assustar o assistido e vale lembrar que a fé é elemento propulsor de energia e sem a mesma nada se realiza.

**Benzimento feito a distância:** Assim como outras técnicas, o benzimento pode ser utilizado em benefício daqueles que não encontram-se presentes, considerando-se que a intenção do bento e a energia acessada através das rezas e orações, irá transpor os limites de espaço-tempo, chegando até o local de origem (LEITE e ARCHANJO s/d).

#### 4.1.2 Rezas

Quem reza geralmente fala a Deus aos Santos ou entidades, mas fala palavras escritas ou decoradas, ao contrário da Oração, que são palavras extraídas diretamente do coração. As rezas são utilizadas geralmente para o quebranto ou mau olhado em crianças: O problema da criança acontece quando pessoas adultas, que possuem uma atmosfera fluídica mal são, ficam com a criança no colo por muito tempo. A energia ruim que circunda a pessoa contamina a atmosfera espiritual da criança. Isso deixa o bebê irritado, prejudica o seu sono e em certas situações pode causar desarranjos orgânicos.

#### 4.2 Reza Contra Quebranto e mau olhado

Quando uma pessoa anda deprimida, sem forças ou cansada, diz-se que, lhe deitaram mau olhado. O mau olhado ou o quebranto, ambos muito parecidos, atingem pessoas, animais ou coisas, facilmente. Então, recomenda-se pegar um copo com água, um galho de arruda, molhar o galho e ir benzendo, ao final; colocar o galho dentro do copo, se afundar, estava cheio de quebranto ir ao portão da rua, vira-se de costas e joga por cima dos ombros de quem se está benzendo, isso com a pessoa de costa para rua. Enquanto está benzendo dizer:

“Mal do ar, mal do mar, mal do fogo, mal da lua, mal das estrelas, mal do ponto do meio dia, mal do ponto da meia noite. Se tiveres com quebranto, mau olhado, feitiçaria e bruxaria, em nome de Deus e da Virgem Maria, seja levado para as ondas do mar sagrado, onde não canta o galo nem a galinha e nem tem criancinha chorando e nem cristão batizado. Depois rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria.”

Atenção: Pode-se também realizar com um copo com água, uma tesoura de aço e brasa de fogão. Após ter realizado a ladainha, colocar a brasa dentro do copo com água. Despachar, também na rua.

Contra mau olhado Galho de Arruda dizendo: “Deus te fez, Deus te criou. Deus tire o mal que no teu corpo entrou. Em louvor de São Pedro e São Paulo, que tire esse mau olhado, inveja ou feitiçaria. Assim como Deus fez o mar sagrado, assim ele te tire este mau olhado ou olho grande. Assim como Nosso Senhor foi nascido em Belém, e crucificado em Jerusalém, assim se vá o mal desta criatura se por acaso o tem”. Essa reza deve ser realizada com um copo com água, ir molhando o galho de arruda dentro do copo e ir fazendo em cruz da cabeça aos pés. No final, devemos jogar fora água e o galho de arruda, do portão para fora da casa. Repetir por três dias seguidos (LEITE e ARCHANJO s\ d).

As rezas mais utilizadas para combater os malefícios na comunidade são:

**Para Quebranto:** Nome da criança, repetindo duas vezes: “você tem quebranto como você não me dizia, conforme eu sabia com a erva do campo com Jose e Maria (nome da criança) eu não te benzo quem te benze é nossa senhora, de quebranto e mau olhado tirando de dentro para fora”.

**Para Dor de barriga:** Água fria correntia, corre de noite e de dia, livra da dor essa barriga minha virgem Maria (coloque o dedo encima do umbigo ao terminar o benzimento).

**Para Estancamento de sangue:** Fazer o nome do pai, repetindo: “tava Lucas, José e Mateus, lá Lucas cortou o pé com que estanca o sangue, com as três palavras de

Deus. Sangue quente na veia como Jesus cristo leve no almoço, sangue estanca nessa veia como Jesus cristo leve na ceia, assim como senhor Jesus cristo humilde na cruz, mesmo assim, você sangue estanca nessa veia”.

**Arca caída:** Repetir três vezes: “O padre veste e reveste e vem dizer a missa no altar: arca, espinhela, ventre virado procura seu lugar, eu rezo essa oração para o Jesus nos ajudar”.

**Engasgamento:** “Homem bom mulher má, casa velha estrela rosa, senhor São Braz mandou dizer que é para livrar o engasgo dessa boca; sobe ou desse ou vomita ou tranca ou arranca”.

**Bom parto:** O meu divino espírito santo, esta casa tem sete canto, cada canto tem sete anjos, cada sete anjos esta com sete velas nas mãos, nessa casa não vai morrer mulher de parto, nem anjo pagão. Amém!

### **Benzedura contra a inveja**

Santo Inácio das Loures é de santo e é de sado

E é por santo fundado

E é o Senhor Crucificado

Desorga! Desorga! Três vezes desorga!

Bruxas feiticeiras, mal de inveja

Do corpo de uma pessoa para fora

Que não tenha que doer como elas

Nem em casa, nem na rua, nem por onde passear

Eu te benzo com a santa segunda

Eu te benzo com a santa terça

Eu te benzo com a santa quarta

Eu te benzo com a santa quinta

Eu te benzo com a santa sexta

Eu te benzo com o santo sábado

Eu te benzo com o santo domingo

Que são as nove palavras

Que Deus Nosso Senhor benzeu

O seu bendito Filho.

Segundo Muzi (2011), as pessoas têm que trazer três dentes de alho para serem benzidas com o sal, e depois têm que dormir com o sal e os alhos debaixo da cabeceira



durante três noites. Depois, faz-se um fogo e "joga-se" lá para dentro os alhos e o sal em cruz, para arder tudo. Há pessoas que a dizem três vezes e há pessoas que a dizem nove.

Outra prática muito utilizada para curar através de rezas é a Água Benta. Então é importante saber como se efetiva essa tradicional forma de combater males (Muzi, 2011).

**Preparar a água benta<sup>1</sup>** - Utiliza-se o seguinte procedimento: Material - Garrafa de vidro com água filtrada; vela branca; Caixa de fósforos. Procedimento.

1. Antes de iniciar, lavam-se as mãos com água corrente e enxugo-as bem.
2. Toma-se um copo de água filtrada em sinal de respeito e purificação.
3. Durante mais ou menos 5 minutos fica-se em silêncio.
4. Acende-se a vela branca com fósforo.
5. Inicia-se a benção da água.

**Oração:**

Criatura água

Por este sinal (+ com a vela)

Eu te exorciso de toda mal e de toda impureza

Por este sinal (+ com a vela)

Eu te abençoo com a luz eterna

Por este sinal (+ com a vela)

Eu te purifico com a benção de Deus Pai.

Reza-se 3 pai nossos, 3 ave Marias e 3 Santo Anjos.

As rezas e os benzimentos dos Kalunga da comunidade Prata dependem do conhecimento da natureza e dos antepassados para sua sobrevivência, então algumas pessoas aprenderam a preservá-las e respeitá-las, para que esses recursos possam ser utilizados por seus filhos, netos e bisnetos. Esse conhecimento ainda permanece no modo de vida dos Kalunga, mas vários usos como as práticas de cura das benzedeadas estão sendo esquecidos, principalmente porque os mais velhos estão deixando de existir e esses saberes não estão sendo repassado para os jovens.

### **4.3. Práticas das Benzedeadas na Comunidade Kalunga Prata**

**Benzimento:** Essa prática é muito procurada por pessoas que acreditam no poder da cura da benzeção, sendo que essas pessoas ou familiares precisam desse tipo

---

de atendimento para promover a sua saúde. Cada benzedeira tem o seu ritual, sua forma de praticar esse ato. Sendo que algumas benzedadeiras, segundo Silva (2014), começam a benzer com três raminhos em uma mão, o terço na outra, o sinal da cruz na testa, e assim começa o benzimento. Proclama o Pai nosso, Ave Maria e as palavras do benzimento enquanto sacode o ramo perto do benzido e termina com o pai nosso.

A benzedeira entrevistada III, explica que: “para cada doença tem um tipo de reza diferente e nem sempre precisa usar os ramos”. As pessoas que utiliza os serviços das benzedadeiras sempre acabam voltando, devido à eficácia do serviço. As benzedadeiras entrevistadas falaram que as pessoas voltam porque realmente essa forma de tratamento funciona. Mas é preciso que se tenha muita fé para benzer e para receber o benzimento, senão o paciente não é curado.

Segundo as benzedadeiras entrevistadas, elas não precisam de um lugar específico para realizar o ato da benzedura, e benzem o paciente onde ele estiver e se possível for, retorna às casas para ver o resultado. Para elas também tem as horas e os dias específicos para benzer, sendo que a melhor hora para se benzer alguém é durante o dia, mas também têm os dias da semana que são melhores para benzer, e elas acreditam que o sábado é um dia fraco para a prática do benzimento e que sexta feira é o dia mais forte.

A entrevistada II, fala que: “para crianças e adultos, a forma de benzer é a mesma, se o mau for o mesmo, a única prescrição é o chá após o benzimento, que o da criança pode ser um pouco mais fraco”. Ela diz ainda que “o uso do chá é muito importante para auxiliar no benzimento”.

De acordo com nossas entrevistadas, os chás e as plantas mais usados como complementos para o benzimento são:

O chá da erva cidreira – calmante e alivia dor de cólica infantil  
Hortelã – para má digestão e verme  
O mentrasto – anti-inflamatório  
Kalunga – para baixar a febre  
Matruz – para combater o verme  
O picão – para crianças com amarelão (icterícia)  
O tipi – serve para banho contra infecção no útero após o parto  
Fedegoso – para resfriado, dor de barriga de criança.  
Sambaiba – para banho após o parto.  
Pinhão roxo – para mau olhado.  
Catinga de barrão – para banho após parto difícil.  
Vassourinha – para a criança quando está com quebrante (beber e benzer)  
Folha de pimenta – para benzer.  
Todas essas plantas auxiliam na prática do benzimento.

Esclarecemos que não são todos os tipos de enfermidades que as benzedeadas conseguem curar, portanto o que lhes cabe a fazer é pedir para que o paciente procure um médico.

#### **4.3.As benzedeadas e o seu dom**

A comunidade Prata contou e conta com a presença de mulheres que preservam saberes surpreendentes. Mulheres que têm o dom de curar, que sabem curar enfermidades sem ao menos ter ido à escola. São essas mulheres Helenas, Marinas, Julmiras, Santinas(usamos esses nomes no plural para indicar as tantas mulheres benzedeadas quilombola existentes na comunidade, mas não se refere às mulheres entrevistadas), todas doutoras da medicina popular. Como a comunidade não conta com atendimentos médicos, então, sempre foram elas que fizeram o papel de promover a saúde.

As benzedeadas são mulheres que agem no decorrer da história com um único objetivo, ajudar aos outros. Elas praticam o ato do benzimento sem cobrar nada em troca. São pessoas simples, solidárias, e donas de saberes e fazeres que passam de geração para geração. Essas benzedeadas são pessoas carismáticas com muitos conhecimentos. Segundo Cascudo (2001) citado por Martins e Siqueira (s/d), essas mulheres benzedeadas podem ser definidas como: mulher, geralmente idosa, quem tem poderes de cura por meio de benzimento.

Elas são pessoas desprovidas de qualquer interesse material ou financeiro, vivem em casas simples e são felizes com o que fazem. Segundo elas, desde jovens já faziam essa prática, e que não se tem idade para a procura da mesma. Essa procura se deve ao alívio de dores, cansaço, sensações ruins, ou seja, deve-se à promoção de cura de várias enfermidades. “Esse ato de benzimento ou benzeção é primeiramente fé, em seguida o sinal da cruz sobre o benzido acompanhado de orações com ramos, para espantar os males e para a proteção divina” (relato de uma benzedeadas da comunidade).

Para essa prática as benzedeadas trazem várias simbologias tais como: lenço, linha cordão, ramos de planta, água benta, etc. Essas benzedeadas têm como principal religião o catolicismo, marcando esse universo da benzeção.

Essas mulheres benzedeadas vêm contribuindo com esse ato de cura por décadas, e isso tende a desaparecer, promovendo assim a perda de mais esse saber empírico que se apresenta como parte da cultura tradicional da comunidade Kalunga Prata. Pode-se

observar que nessa comunidade há uma grande perda dos saberes. Isso ocorre também devido à saída dos jovens da comunidade que vão à procura de estudo e de melhores

Condições de vida, pois acreditam que a comunidade já não lhes oferece. Os jovens que permanecem não sabem como dar continuidade a esse saber. E isso causa nas poucas benzedoras que restam, uma preocupação, que é a perda desses conhecimentos.

Ademais, os benzimentos como cultura tradicional e suas práticas precisam ser trabalhadas de alguma forma, para que esse conhecimento e aprendizado possam perpetuar por mais gerações. Esse foi um dos objetivos desse trabalho. Dessa forma, procuramos mostrar as diferentes culturas vivenciadas, que já que os mais velhos têm esses saberes guardados em suas memórias, sendo assim, acreditamos que esse trabalho é de grande valia para a comunidade Prata.

Desse modo, as três benzedoras aceitaram participar desta pesquisa. Para a preservação da identidade dessas mulheres serão usados aqui números de I, II, III e a idade. A senhora I tem 73 anos, a II 76 e a III, 78 anos de idade.

Nesse sentido, perguntamos:

### **1. Quando a Senhora percebeu que tem o dom de curar pela Reza?**

<p>I – Quando já tava mocinha já, de tanto ver mamãe benzeno eu aprendi, aí eu comecei benzer também.</p> <p>II – foi quando eu benzi pela primeira vez contra quebrante e a criancinha da vizinha melhorou. Fiquei muito feliz.</p> <p>III – quando eu benzi pela primeira vez foi contra o mau de espinhela caída. Eu acho que foi aí que eu já tinha aprendido de verdade.</p>
---

### **2. Qual era sua idade quando fez o primeiro Benzimento?**

<p>I – Eu acho que já tinha uns 15 anos</p> <p>II – Eu já tinha uns vinte anos</p> <p>III – Com 17 anos.</p>
--

### **3. Na sua família tem mais alguém com esse Dom?**

- I – Tem sim, minha mãe, minha vó e uma tia minha irmã do meu pai.  
 II – que eu lembro era só mamãe, mais ela falava que tinha aprendido com os pais dela.  
 III – Minha mãe benzia, aí eu, meu irmão e minha irmã, tudo bezemo.

#### **4. Quais são os tipos de doença que a Senhora (ou o Senhor) aplicam a Reza?**

- I - Quebrante, mau olhado, engasgamento, soluço, cobreiro, espinhela caída, erisipela e o que aparecer.  
 II – Soluço, vento virado, ofensa de cobra, mau olhado, e etc.  
 III – Dor de cabeça, estancamento de sangue, erisipela, calmar ventania, quebrante, dentre outros.

#### **5. A Senhora (ou o Senhor) atende somente doenças físicas ou atende também doenças espirituais, por exemplo, depressão, nervosismo, etc.?**

- I – A gente benze de doenças que remédio de médico não trata.  
 II – Essas duença de cabeça que não intendo num benzo não.  
 III – Eu benzo pra tudo quanto é mau, as veis num funciona, aí eu mando procurar um dotor.

#### **6. Quais são as rezas utilizadas no ato do Benzimento?**

- I- Benzimento para quebrante: “Maria eu vim aqui a trás de Jesus cristo, para que Jesus benze quebrante e mau olhado. Eu sei benzer um ruim que Põe dois bom, te abrando nossa senhora que livra desse quebrante e mau olhado de quem te botou”.
- II – engasgamento com espinha de peixe, osso ou caroço: “Homem bom mulher má fala pro senhor São Braz que desengasgue esta garganta, homem bom mulher má fala pro senhor São Braz que desengasgue esta garganta, sobe ou desce a procura do seu lugar”. O benzedor da uns tapinhas nas costas do engasgado e ele logo começa a vomitar o que o fez engasgar.
- III – Acalmar vento forte acompanhado de tempestade – Jesus cristo vistuoso filho de Deus poderoso, o pecado que eu fiz agora para o senhor eu não digo quando eu dizer ao senhor, é para saber contra a lição vivo triste e rependido, agora eu lhe peço perdão. Perdoa- me meu Jesus que nessa vida eu quero graça e na outra salvação. Salve rainha! Mãe de senhor, cravo do amor, eu quero que vós me de destino e bom entendimento para receber as três palavras do divino sacramento, amém!

#### **7. São utilizados algum tipo de remédio, por exemplo, alguma planta medicinal, chá, etc.?**

- I – Sim, pra quebrante mesmo é usado o chá da folha da vassourinha depois de benzer. É bom fazer o chá pro quebrante saí mais ligero.
- II – Quando a gente benze a criança que tá com dor na barriga, agente da pra ela um chazinho, pode ser de erva sidreira, de puejo de hortelã...
- III – Vixe nossa! O chá é muito bom pra ajudar a melhorar a doença. Eu quase sempre mando fazer chá.

**8. A Senhora (ou o Senhor) usam palavras, colocam as mãos no doente ou qualquer outro procedimento como ramo de alguma planta durante o Benzimento?**

- I – Sim. Eu sempre pego no doente
- II – Depende da doença, se for quebrante, espinhela caída a gente tem que pegar no doente e rezar com o ramo passano em cima dele.
- III – O benzedor tem que pegar no doente, porque nem sempre da pra saber o que é que ele tem. Us ramo, não é toda vez que eu uso não. Tem que saber a doença.

**9. Tem alguma reza específica, dependendo da idade do doente, por exemplo, para crianças é uma reza e ara adultos outra, ou são as mesmas?**

- I – É a mesma. Só o chá pras crianças que tem que ser mais fraco um pouco.
- II – Se o mau for o mesmo, a reza também é a mesma
- III – As rezas são as mesmas. As vezes agente roga por santo diferente.

**10. A Senhora (ou o Senhor) volta algum tempo depois à casa do doente para verificar se ele melhorou?**

- I – Volto sim. Agente tem que voltar pra saber se o doente melhorou.
- II – a gente tem que voltar porque o benzedor é responsave pela quela pessoa doente.
- III – Sempre que eu benzo eu volto na casa da pessoa que precisa dos meus cuidados. Quando não posso ir peço pra que vem na minha casa. Se a pessoa não tiver melhorado aí eu falo pra procurar o serviço dos médicos.

**11. A Senhora (ou o Senhor) cobra para fazer um Benzimento?**

- I – Não cobro nada, mais se a pessoa quizer me dá um agrado eu recebo
- II – Não. Porque Deus da esse dom pra gente é pra ajudar o nosso irmão que tá pricisano. Então eu não acho certo cobrar não.
- III – Eu nunca cobrei e nem pretendo, mais diz por aí que quando cobra o benzimento fica mais forte. Eu não sei se é verdade.

## 12. A Senhora (ou o Senhor), se convidados, iriam à escola fazer uma palestra para os alunos sobre a sua profissão?

I – Não sei não. Não é todo mundo que aceita o trabalho da gente não.  
 II – Se me chamar eu vô.  
 III – num vô não. Porque as geração de hoje num quer saber nada não. Só qué saber das coisas moderna da cidade. Essas coisas que a gente aprendia com o pai, com a mãe, esses minino num que saber não.

As entrevistas foram gravadas e transcritas para se obter excelentes resultados no trabalho.

Todas as benzedeadas entrevistadas aprenderam essa prática de cura com seus antepassados. Elas aprenderam em um período em que não se tinha alternativa de cura das enfermidades, pois o acesso a médicos e hospitais era inviáveis devido à falta de transporte para a cidade. Até nos dias atuais, se procura muito por esses saberes que geralmente são caracterizadas por pessoas idosas de situação humilde, e que corre o risco de desaparecer. Segundo Pistrak (2011, p. 11). "A escola não percebe que é preciso trazer a vivência do educando para dentro da escola e devido a isso ele se encontra cada vez mais afastado dela. A escola tem que está ligada à vida".

É possível que a escola do campo possa trabalhar em suas disciplinas as culturas dos educandos. É preciso que a gestão escolar estude táticas juntamente com a comunidade para mudar o currículo e trazer proposta de uma educação norteadora progressista onde o professor terá o papel mediador transformador e o aluno como protagonista da sua vida.

### 4.4. Saberes Tradicionais: História de Vida

#### Excerto 1: Entrevistada III, uma Benzedead

[...] nos anos de 1980 a cultura era muito forte, todos participavam de tudo, das rezas, das folias, dos festejos etc. Agora essas culturas estão se perdendo, pois os jovens já não se interagem mais como antigamente. Para a entrevistada a terra é tudo, porque foi da terra que ela adquiriu tudo“ eu só tenho orgulho da terra”. A conquista pelo seu território foi quando seu pai morreu e ela teve que tomar conta de tudo sozinha, e ainda assim um fazendeiro vizinho queria tomar o seu pedaço de chão que seu pai havia lhe deixado. Era dali que ela tirava o sustento para ela e para a sua filha. Conta a entrevistada III que um dia estava limpando o seu arroz já plantado, quando apareceu um homem em um trator querendo passar por cima de tudo, para acabar com tudo que estava plantado. Ela não podia deixar isso acontecer, de alguma forma teria que tirar o homem do seu território. Ela ajoelhou e pediu a proteção divina, quando a máquina chegou na cerca da roça ela

pegou um facão e enfrentou o motorista e pediu que ele não fizesse isso, ele respondeu: “é ordem do patrão”, mas ela foi tão guerreira que fez com que imediatamente ele voltasse. Portanto, o fazendeiro acabou desistindo e foi embora, depois acabaram descobrindo que eram grileiros invadindo terras.

A transmissão oral é o mecanismo utilizado para não se deixar perder a tradição do uso das práticas do benzimento. O relato dessa senhora narra a importância dessas práticas para a comunidade, fazendo perceber que as benzedoras são doutoras da medicina popular, onde a comunidade não só as procuram como também confiam em seus trabalhos.

Elas afirmam que desde que se entende por gente, moram na comunidade, e que seus pais também viviam na comunidade. A vida não foi nada fácil, passaram por muitas dificuldades quando ainda crianças passaram fome e frio. Ressalta a benzedora III, que não gosta de lembrar desse tempo ruim não. Fala que quando chegava alguém em casa, tinham que ficar na camarinha escondida até a visita ir embora, pois não tinham roupas decentes para vestir, só alguns pedacinhos de pano para se enrolar.

Elas relatam que o benzimento sempre esteve presente em suas vidas e que aprenderam através da observação, quando seus pais benziam e assim iam aprendendo. Quando ainda meninas, não sabiam o que era ir à cidade, mesmo porque ir à cidade era muito difícil, devido ao acesso.

Quando as pessoas adoeciam não tinham alternativas a não ser o tratamento realizado pelas rezadeiras e benzedoras com o uso das plantas que tem o poder de curar. As pessoas não morriam fácil, as grávidas tinham o parto complicado, mas o neném nascia e mãe e filho viviam. Hoje em dia, os médicos estão um pouco mais acessíveis, mas há aqueles que preferem ser curados através pelas rezas e benzimentos, pois acreditam no poder dos mesmos. “[...] não sei ler nem escrever, mas Deus me deu esse dom, sei curar algumas doenças como: quebrante, mau olhado, erisipela, espinhela caída, engasgamento, cobreiro, mau de solução” (ENTREVISTADA I).

Foi através da preocupação dessas benzedoras, que surgiram os seguintes questionamentos, tais como: Quais os fatores e motivos que levam a prática do benzimento na comunidade do prata? Qual a importância desses saberes e fazeres para a comunidade do prata? Qual a relação desses saberes com o fortalecimento da comunidade do Prata? O que está levando a perda desses saberes sobre a prática de benzimento na comunidade do Prata? Como a escola pode vir a contribuir para que não haja a perda total desses saberes? Questões essas que buscamos responder ao longo desse texto.



Portanto, acreditamos que esses saberes tradicionais de várias gerações, podem muito bem serem trabalhados nas escolas. Se essa prática faz parte da vivência da comunidade, por que não ser trabalhado nas escolas, se por lei a escola tem que trabalhar a questão étnica racial e cultural.

Nesse sentido o intuito dessa pesquisa foi somar e contribuir com a construção de um olhar reflexivo diante da realidade da comunidade, não deixando se apagar o que existe de sábio e valioso, que é o conhecimento sobre o benzimento, conhecimento esse que resistiu uma trajetória histórica de muita luta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode se observar que a prática de benzimento, juntamente com a crença popular ainda se encontra muito viva na comunidade Kalunga Prata. É notável que a procura pelos serviços das benzedeadas são constantes pelas aquelas pessoas que tem fé e que acreditam na cura através do benzimento. Isso acontece porque o povo Kalunga dessa comunidade foi criado nesse ambiente de curar pela fé e através das plantas medicinais, uma vez em que não havia a medicina científica acessível a eles.

Os católicos da comunidade acreditam no poder que as benzedeadas têm de curar através da fé, orações e ramos verdes. Sabem que são bem cuidados por essas doutoras da medicina popular.

Muitas vezes os Kalungas da comunidade Prata recorrem as benzedeadas antes de procurarem os serviços dos médicos, pois acreditam que podem ser curados por benzimentos e medicamentos naturais. Os serviços médicos só são procurados se por acaso a enfermidade não for tratada pelas benzedeadas. Nesse caso as benzedeadas são as primeiras a mandar procurar os serviços médicos se o tratamento não estiver à seu alcance.

Através das entrevistas ficou claro que para realizar o benzimento é preciso que se tenha fé, e que qualquer pessoa pode aplicar o tratamento, mas desde que se tenha fé. Pois a fé é fundamental e é o princípio de tudo para as benzedeadas.

As benzedeadas têm preocupações, e isso ficou bem explícito durante as entrevistas. Elas se preocupam, pois as novas gerações não estão interessadas em dar continuidade a esses saberes, e também porque daqui a alguns anos não vão ouvir falar dessas MULHERES que curavam pela fé, doutoras da medicina popular.

De alguma forma esses saberes tem que ser lembrados, tem que ser registrados para que não venha cair no esquecimento. A educação escolar tem como por obrigação falar desse povo tradicional, falar de seus saberes e fazeres, da sua cultura, para que possam se reconhecer como herdeiros de uma ancestralidade que foi de fundamental importância para a formação do povo brasileiro e da cultura do nosso país.

A Educação do Campo é um curso que visa formar professores e gestores militantes com objetivos de que a vida dos estudantes não seja desassociada da sala de aula, ou seja, que a vida socialmente útil dos estudantes esteja interligada a educação escolar, para que assim possam se sentir dentro do processo educativo, e não mais

desvinculado do meio onde vive e do modo que vive. Nesse sentido os estudantes serão formados para a vida e não mais como mãos de obras para o mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS:

Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/reza>. Acesso 20-jan-2016.

A BENZEÇÃO COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA; DANIELA ARAÚJO TEIXEIRA LEITE, LÉA RESENDE ARCHANJO. Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé.

ARAÚJO, Rafael Sânzio. Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográficas da Universidade de Brasília. Fonte: BAIOCCHI, Mari de Nazaré, Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Brasília: Ministério da Justiça, Unesco 1999.

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. Kalunga: Povo da terra/Mari de Nasaré Baiocchi. Brasília: Ministério da Justiça de Estado dos Direitos Humanos, 1999.124p.  
benzer.html. Acesso: 20-jan-2-16.

BOING, Lucio; Stank; Marco Antonio. Benzedeiras e benzimentos: praticas e representações no município de Ivaporã /PR (1990–2011). São Paulo: UNESP, 2013, p.85.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa/Stella Maris Bortoni-Ricardo. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

BRASIL. Decreto N. 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de  
BRASIL. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2010.260P.

BRASIL/MEC/SEF.Uma história do povo Kalunga. Brasília: MEC,2001,P.

CALDART, Roseli Salet; PEREIRA,Isabel Brasil;ALENTEJANO,Paulo e FRIGOTTO,Gaudêncio .Dicionario da educação do Campo. Rio deJaneiro,São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio,Expressão Popular,2012,P.258.

CALDART, Roseli Salete - Educação do Campo. In Dicionário da Educação do Campo. Caldart, R. et al (orgs.) Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

CUPERTINO, Maria Cristina, 1982. Juventude rural quilombola : Identificação, reconhecimento e políticas públicas.-Viçosa, MG, 2012.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral – memória- tempo – Identidade. Belo Horizonte, Autêntica. – 2006.

Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007.(site)

Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/entrevista-monica-molina-especialista-educacao-campo-732775.shtml?page=1>. Acesso: 20-jan-2016).

Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/reza>. Acesso 20-jan-2016.

Disponível em: [http://www.unb.br/aluno\\_de\\_graduacao/cursos/educacao\\_do\\_campo](http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/educacao_do_campo). Acesso: 20-jan-2016.

Disponível: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/entrevista-monica-molina-especialista-educacao-campo-732775.shtml>. Acesso: 20-jan-2016;

DUTRA, Mara Vanessa Fonnseca. Direitos quilombolas: Um estudo do impacto da cooperação ecumênica. Rio de Janeiro: KOINONIA presença Ecumênica e Serviço.2011.

Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Acesso: 20-jan-2-16.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 20.ed..São Paulo: Paz Terra, 2001.

GONÇALVES, Artur Teixeira. <http://metodologiadapesquisa.blogspot.com.br/>.

Acesso: 01\12\2014 ÀS 16:22H

MARTINS, Francisco Dhego Mesquita; SIQUEIRA, Josiane Gregório. Rezadeiras mulheres importantes na cultura popular. P.7 s/d.

[http://www.ifce.edu.br/miraira/GrupoDePesquisa/orientandos/dyhegomarins/DyhegoMartins Josiane Siqueira - Rezadeiras - Mulheres importantes naCultura Popular.pdf](http://www.ifce.edu.br/miraira/GrupoDePesquisa/orientandos/dyhegomarins/DyhegoMartins%20Josiane%20Siqueira%20-%20Rezadeiras%20-%20Mulheres%20importantes%20na%20Cultura%20Popular.pdf) data:

01\12\2015.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão - Educação do Campo. In Dicionario da Educação do Campo. Molina, M; Sá L. et al (orgs.) Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

MONTE ALTO, Rosana Lacerda. M763s Saberes e fazeres quilombolos: diálogos com a educação do campo / Rosana Lacerda Monte Alto. – Uberaba, 2012. 136 f. : il. color.

NEVES, Jose Luiz. Pesquisa qalitativa: Características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em adiministração, São Paulo,v.1,nº3,2º/1996.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. Fundamentos da escola do trabalho.SP: Expressão Popular,2011,p.192.

Resumo de Joyce Muzi publicado em: A BENZEÇÃO COMO PRÁTICA

TERAPÊUTICA<sup>1</sup> - DANIELA ARAÚJO TEIXEIRA LEITE 1, LÉA RESENDE ARCHANJO. Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do TriânguloUberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Quarta-feira, 8 de junho de 2011. Acesso: 20-jan-2016.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. Cultura não é a cereja do bolo. Texto em pdf s\d. 1-2.SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. et al. Saberes e fazeres tradicionais do cerrado: sabão de Tingui (*Margonia Pubescens*). Brasília: DF: Decanato de Extensão/UnB, 2012.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres da Chapada dos Viadinhos-Goiás.2012.

SILVA, Aneli Soares da. Uso das plantas medicinais do cerrado na comunidade Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina – GO. 2013, p.46.

SILVA, Grasiela dos Santos: As benzedoras na promoção da saúde da criança no município de Padre Bernardo – GO. Brasília, 2014. Trabalho de conclusão (Bacharel em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília/UnB, Ceilândia,2014.

SILVA,Giselda Shirley da .Um cotidiano partilhado –Entre praticas e representações de benzedores e raizeiros -2007.

TARDIN, José Maria - Educação do Campo. In Dicionário da Educação do Campo. Tardin, J. et al (orgs.) Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

Vanda Cunha Albieri Nery Centro Universitario do Triangulo Uberlândia/MG) [ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html](http://ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html). Quarta-feira, 8 de junho de 2011. Acesso: 20-jan-2016.